

**COMISSÃO DA VERDADE**

**PRESIDENTE**

**DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

**08/08/2013**

**COMISSÃO DA VERDADE****BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****08/08/2013**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. Sexagésima Audiência Pública, 08 de Agosto de 2013, Auditório Teotônio Vilela.

Está instalada a Sexagésima Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 08 de Agosto de 2013, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, no Auditório Teotônio Vilela, para a oitava dos depoimentos sobre os casos Ângelo Arroyo, João Baptista Drummond, Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar, assassinados no episódio conhecido como Chacina da Lapa.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as Audiências abertas ao público.

Esta Mesa é constituída por Amélia Teles, por Pedro Pomar e por Gustavo Reis. Então, sem mais. O assunto dessa Audiência de hoje está tratado nesse livro escrito pelo Jornalista Pedro Pomar sobre o massacre da Lapa. Como o Exército liquidou o Comitê Central do PCdoB, São Paulo, 1976. Pedro Estevam da Rocha Pomar. Então com a palavra a Vivian Mendes para fazer a leitura do memorial da casa da Lapa, da chacina da Lapa e das três pessoas que lá foram dos três militantes, dos três dirigentes que lá foram assassinados.

**A SRA. VIVIAN MENDES** – Boa tarde a todos e todas.

A Chacina da Lapa. Os agentes do DOI-CODI São Paulo, cercaram a casa na Rua Pio XI, bairro da Lapa em São Paulo em 16 de Dezembro de 1976 na operação conhecida como Chacina da Lapa. Segundo os vizinhos, em nenhum momento houve troca de tiros, mas sim uma fuzilaria que partia apenas do lado de fora onde estavam os

agentes de repressão política. Pedro Pomar, Ângelo Arroyo e outros dirigentes do PCdoB reuniram durante dois dias, 14 e 15 de Dezembro de 1976 na casa. O Exército obteve informações sobre a reunião com o militante Manoel Jover Telles posteriormente considerado pelo PCdoB, o delator da reunião e montou a operação com o objetivo de desmantelar o partido.

Ofícios do Comando do II Exército as Forças Militares citam o nome de Pedro Pomar, Ângelo Arroyo e Aldo Arantes como participantes da reunião e comunicam que a casa estava sob vigilância dos agentes do DOI-CODI São Paulo e do II Exército. De acordo com o Jornalista Pedro Estevão da Rocha Pomar no livro *Massacre da Lapa* era meio dia do dia 16 de Dezembro, quando Frederic Chapin, Consul Geral dos Estados Unidos em São Paulo, chega ao prédio da Cúria Metropolitana. Nervoso, quase invade a sala de Dom Paulo Evaristo Arns, fala da chacina pede ao Cardeal que inicie gestões para evitar a morte dos que estão presos.

Abre aspas, “Sabíamos da reunião há dias, mas não esperávamos que sob o Dilermando Monteiro, Comandante do II Exército, acontecesse o que aconteceu”, fecha aspas, diz o Diplomata e avisa a Dom Paulo que tem os nomes dos militantes presos.

Há uma contradição entre o laudo pericial dos prédios e o laudo de exame pericial das armas. O primeiro laudo só reconhece o uso de um revólver Taurus, o segundo afirma que teria sido disparado também um revólver OH. As armas constantes da segunda perícia foram arroladas no dia 16, o DOPS, no entanto só requereu exame das peças em 21 de Dezembro quase uma semana depois da chacina. Não foi realizado o laudo pericial que apontasse sinais de pólvora nos dedos das mãos de Ângelo Arroyo e Pedro Pomar.

Os corpos foram retirados da posição em que caíram durante o ataque e arrumados de forma a que se demonstrasse que estavam portando armas. Na montagem das fotos dos corpos, Pomar aparece com óculos no rosto, mas o depoimento de seu filho Wladimir, esclarece que ele enxergava muito bem e usava óculos exclusivamente para leitura.

O Economista João Baptista Franco Drummond foi preso em 15 de Dezembro de 1976 quando saía da casa da Lapa onde participou da reunião do PCdoB. Foi morto nas dependências do DOI na madrugada do dia 16. Élio Gaspari no livro *A Ditadura*

Encurralada, transcreve e comenta a informação que o General Figueiredo o então chefe do SNI, enviou ao Presidente Ernesto Geisel relatando o massacre da Lapa.

Primeiro, o DOI-COD do II Exército acompanhava há três meses as atividades do Comitê Nacional do PCdoB desenvolvidas em ligação com a USP. Falso, a operação fora montada pelo CIE de Brasília. Vieram os chefes de sua seção de operações o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra e algo como quatro homens. Outra equipe viera do Rio e se aquartelava no II Exército.

Sexto, o terceiro elemento tentou fugir pela caixa d'água tendo, entretanto, caído à rua fraturado o crânio e sido atropelado por um automóvel, falecendo em consequência. Falso, o terceiro morto, o economista João Baptista Franco Drummond fora preso à noite depois de ter sido deixado perto da Avenida Nove de Julho e morrera horas antes do ataque no DOI. A simulação pretendia fabricar um suicida fora do DOI. Ela livrou o General Dilermando Gomes Monteiro do estigma que acompanhou o General Ednardo D'Ávila Mello até sua morte em 1984.

Conforme a versão dos órgãos de repressão encontrada no arquivo do extinto DOPS São Paulo, Drummond morreu após ser atropelado por um veículo não identificado na Rua Paim na Bela Vista. O laudo necroscópico aponta como horário de sua morte Quatro horas da manhã de 16 de Dezembro.

A casa onde os integrantes do partido se reuniam, estava sendo viajada pelas forças de segurança havia quatro dias. Foram presos Maria Trindade, que ainda estava na casa, Haroldo Borges Rodrigues Lima, Aldo Arantes e Wladimir Pomar que já haviam saído da reunião. Elza de Lima Monnerat e Joaquim Celso de Lima foram presos quando estavam em um carro em frente à casa. As notícias veiculadas pela imprensa confirmam a informação.

Segundo informou o II Exército, ontem era a terceira vez em que agentes vigiavam a casa com subversivos reunidos em seu interior, Diário Popular, 17 de Dezembro de 1976.

Sobreviventes do ataque desmentem a versão oficial da morte de Drummond, o Jornal Diário Popular de 17 de Dezembro de 1976 publicou que, abre aspas; “Os subversivos Pedro de Araújo Pomar, Ângelo Arroyo e João Baptista Franco Drummond

morrem após violento tiroteio com os agentes do DOI do II Exército”, fecha aspas. Os legistas que assinaram os laudos necroscópicos dos três foram José Gomes Dias, Abeylard Q. Orsini. O laudo necroscópico de Drummond, porém homologa a versão de atropelamento também divulgada pela imprensa. Sobre o suposto atropelamento, Pedro Estevam da Rocha Pomar, no livro citado, trás documentos oficiais do Exército em que fica provado que militares e policiais mantinham sob estrita vigilância os membros reunidos na casa da Lapa. Ele questiona como estes mesmos agentes não identificaram o automóvel e seu condutor responsável pelo atropelamento.

O inquérito policial militar do II Exército concluiu que a morte foi causada por atropelamento mesmo sem laudo de perícia ou fotos do ocorrido. Pedro Estevão da Rocha Pomar questiona ainda que Wladimir Pomar e Drummond foram deixados por Joaquim em local distante de onde teria ocorrido o suposto atropelamento. Ainda segundo o relato do Jornalista Pedro Estevam da Rocha Pomar, o repórter Nelson Veiga da TV Bandeirantes, que conseguiu furar o sistema de segurança policial e entrar na casa logo após o fuzilamento negou a presença de armas de fogo ao lado dos corpos antes da chegada dos peritos.

De acordo com a nota oficial uma, abre aspas; “Operação montada e executada pelo II Exército com a colaboração de outros órgãos de segurança”; fecha aspas, desmontou na manhã de 16 de Dezembro, um aparelho no bairro da Lapa. A nota dizia que durante a operação, uma área do bairro fora interditada enquanto era travado um tiroteio na Rua Pio XI em decorrência da reação dos sitiados o que resultou em dois mortos e um terceiro atropelado em fuga.

Segundo o depoimento de Maria Trindade presa na casa, as pessoas que se encontravam no interior da residência não tiveram chance. Em uma entrevista ao Jornal Gaúcho Zero Hora de 03 de Novembro de 1995, ela relatou, abre aspas; “Na hora em que a casa foi invadida, eu fazia o café. Eu ouvia aquele barulhinho, assim como estivesse atirando pedrinhas nos vidros. O Ângelo Arroyo estava saindo do banheiro e foi pego por uma bala, ele caiu na minha frente. Na outra janela, no quarto, as balas corriam de um lado para o outro, de parede a parede, lá eles mataram o Pomar.”

Com base nos documentos anexados ao caso, recolhidos pelo Jornalista Pedro da Rocha Pomar, depoimento de Wladimir Pomar, Aldo Arantes e do ex-sargento Marival

Dias Chaves do Canto, o relator da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos políticos Nilmário Miranda concluiu que é falsa a versão oficial de que João Baptista Franco Drummond foi morto por atropelamento. Além disso, a sentença judicial de 1993 responsabilizou a União pela morte desse militante no DOI-CODI de São Paulo. Miranda destacou que no mesmo local o DOI-CODI de São Paulo já haviam morrido Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho, fatos que causaram grande comoção e levaram ao afastamento do General Ednardo D'Ávila Mello, substituído pelo General Dilermando Monteiro.

Uma nova morte dentro do DOI teria péssima repercussão não sendo possível aceitar a versão de suicídio, daí a versão forjada de atropelamento. Nilmário Miranda afirmou que Drummond postava identidade falsa e por tanto não seria possível saber de imediato quem era a vítima do suposto atropelamento.

Observações do Médico Legista Antenor Chicarino feitas para instruir o processo disciplinar no CREMESP contra médicos legistas que teriam assinados laudos falsos contra presos políticos mortos sob tortura, sobre o laudo de necropsia de João Baptista Franco Drummond fazem referências à fratura de punho e às pequenas escoriações no tornozelo e nádegas. Eles descrevem também uma mancha roxa na pálpebra esquerda e nem uma outra lesão inclusive hemorragia de ouvido e nariz que seriam compatíveis com a fratura de crânio apontada. Não foram registrados no laudo, mas aparecem na fotografia inchaço e mancha roxa na pálpebra direita, corte no canto da boca até próximo à orelha e desvio de nariz para a esquerda.

Assim o relator concluiu, abre aspas; “A ação dos órgãos de repressão não foi a simples invasão de uma casa, o objetivo não era capturá-los. Armas de grosso calibre, metralhadoras, cerco e obstrução da rua atestam o estado sitiado de Ângelo Arroyo e dos demais. A única sobrevivente do massacre, a dona da casa, foi poupada. Saiu com vida do tiroteio corroborando, pois o fato para ratificar quais eram os objetivos dos órgãos de repressão, o assassinato de Ângelo Arroyo e Pedro Pomar.” Na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, o caso de Ângelo Arroyo foi aprovado em 29 de Fevereiro de 1996 por quatro votos a favor e três contra, os de Miguel Reale Junior, Eunice Paiva e do General Oswaldo Pereira Gomes. Os casos de João Baptista Franco Drummond e Pedro Pomar foram aprovados em 23 de Abril de 1996. O caso de Pedro Pomar por cinco votos a favor e dois contra, os do General Oswaldo Pereira

Gomes e Miguel Reale Junior. O de João Baptista Franco Drummond foi aprovado por unanimidade.

Em homenagem a Ângelo Arroyo a cidade de São Paulo e Rio de Janeiro deram a seu nome as ruas de Vila Feliz e em Bangu respectivamente. Em homenagem a Pedro Pomar as mesmas cidades deram seu nome às ruas no Jardim Elisa Maria e Bangu respectivamente.

Essas informações foram extraídas do dossiê Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil de 1964 a 1985 do IEV.

**O SR.** – O histórico de João Baptista Franco Drummond. Assassinado em 16 de Dezembro de 1976, nasceu em 28 de Maio de 1942 na Fazenda das Posses em Varginha-MG, filho de João Batista Drummond e Zilá de Carvalho Drummond. Morto em 16 de Dezembro de 1976, dirigente do Partido Comunista do Brasil, PCdoB. Era casado com Maria Ester Cristelli Drummond e tiveram duas filhas, Rosa Maria e Silvia.

Cursou o primeiro grau, atual ensino fundamental no Ginásio Salesiano Dom Bosco de Cacheira de Campo-MG e o segundo grau, atual ensino médio no Colégio Loyola em Belo Horizonte - MG. Em 1961, ingressou no curso de Economia da FACE da Universidade Federal de Minas Gerais concluído em 1966. Exerceu a Presidência do Diretório Acadêmico daquela Faculdade no período de 64 a 1965, foi um dos principais organizadores do 27º e 28º Congressos da UNE. Além da sua militância na política estudantil, participou desde 1963 do Movimento Camponês no sul de Minas e das campanhas eleitorais com o líder operário Dazinho. Foi membro da organização Ação Popular AP e posteriormente da Ação Popular Marxista Leninista APML em que exerceu diversas funções como responsável pela Secretária de Organização em 1969 e membro do Comitê Político em 1971.

Entre 1969 e 1970, foi julgado pela Justiça Militar e teve seus direitos políticos cassados por dez anos, além de ter sido condenado à revelia a catorze anos de prisão. Em 1972, vivendo na clandestinidade, passou a militar no PCdoB cujo Comitê Central passou a integrar em 1974. O relatório do Ministério da Aeronáutica entregue ao Ministro da Justiça Maurício Corrêa em 1993, diz que João Batista, abre aspas; “Foi

morto em confronto com agentes do órgão de segurança”, fecha aspas. Segundo o relatório da Marinha, abre aspas; “Foi morto em um tiroteio em 16 de Dezembro de 1976 no bairro da Lapa quando a casa em que se encontrava com outros companheiros, foi invadida por agentes de segurança”. No entanto em documento encontrado no IML em São Paulo, a causa da morte é dada como atropelamento na Avenida Nove de Julho, esquina com a Rua Paim, bairro da Bela Vista, local distante da Lapa. Foi enterrado pela família no Cemitério do Parque da Colina em Belo Horizonte.

No fim de 1993, a Justiça Federal deu ganho de causa à família de Drummond na ação movida contra a União, quando reconheceu que ele morreu no DOI-CODI São Paulo, na madrugada de 16 de Dezembro de 1976. Foi a primeira manifestação da Justiça Civil sobre a chacina da Lapa, decisão que não deixou dúvidas sobre a responsabilidade dos agentes públicos daquele órgão de segurança. Em sua homenagem, na cidade de Belo Horizonte, deu o seu nome a uma rua no bairro Braúnas.

Ângelo Arroyo, assassinado em 16 de Dezembro de 1976, nasceu em 06 de Novembro de 1928 em São Paulo, filho de Ângelo Arroyo e Encarnação Pardito. Morto em 16 de Dezembro de 1976, dirigente do Partido Comunista do Brasil, o PCdoB, era casado e tinha dois filhos. Operário metalúrgico ingressou no Partido Comunista Brasileiro, PCB em 1945. No ano seguinte foi eleito membro do Comitê Regional de São Paulo e Secretário do Comitê Distrital da Mooca. Foi ativista do Movimento Sindical Paulista tornando-se um dos líderes do Sindicato dos Metalúrgicos na década de 50. Participou das greves e das manifestações de rua de 1952 e 1953 em São Paulo, sendo preso por várias vezes.

No livro João Saldanha, Uma Vida em Jogo, Há uma passagem com relato de Saldanha em que ele se refere a uma das prisões com Ângelo Arroyo. Em meados de 1949, estava na rua na campanha O Petróleo é Nosso, com cartazes, panfletos, faixas e manifestações públicas, abre aspas; “João e o companheiro Ângelo Arroyo foram participar do ato na Praça João Mendes, São Paulo. No decorrer da manifestação começaram os ataques ao Presidente Dutra. A polícia chegou, mas topei a parada. Estávamos levando vantagem quando chegaram mais milicos. Eu e o Arroyo fomos levados para o DOPS Paulista ao lado da Estação da Luz, ali maltrataram muita a gente, porrada, deixaram sem comer quatro ou cinco dias e sem nenhuma condição de higiene. Havia uma privada sem água, assim no meio do troço e muita gente para um

*carcerezinho*. Apanhamos vários dias seguidos sem que eles soubessem em quem estavam batendo, nossos documentos eram falsos”. Arroyo e Saldanha ficaram 28 dias presos sendo torturados até que um dia a polícia amarrou os dois com uma corda e os levou para o Alto do Sumaré. Ali bateram bastante neles, com porretes e quando se cansaram, os policiais os jogaram lá de cima e eles foram rolando morro abaixo. Eles se arrastaram até alcançar uma rua com transeuntes que lhes soltaram as cordas.

Ângelo Arroyo realizou atividades políticas no campo em várias regiões do País inclusive participando da revolta de Trombas Formoso em Goiás no fim dos anos 1950. Em 1962 participou da Conferência Nacional Extraordinária que organizou o PCdoB tornando-se membro da comissão executiva do Comitê Central. Ajudou a criar e organizar os destacamentos dos guerrilheiros no Sul do Pará, tornando-se um dos comandantes da Guerrilha do Araguaia. Foi um dos poucos guerrilheiros sobreviventes e só saiu da região no final de Janeiro de 1974 quando a repressão das Forças Armadas dispersou os guerrilheiros. Antes, porém, como Comandante Militar que era, orientou seus companheiros a dividirem-se em pequenos grupos para conseguirem furar o cerco dos militares. Apenas ele e um companheiro conseguiram sair.

Ao reencontrarem os companheiros do Partido, entregou-lhes um relatório detalhado sobre as atividades, prisões e mortes de vários militantes, o chamado Relatório Arroyo. Esse relatório apreendido na chamada Chacina da Lapa, ainda é mesmo depois de mais de 30 anos passados, o mais completo documento sobre os desaparecidos políticos na Guerrilha do Araguaia.

Ângelo Arroyo foi assassinado na chacina da Lapa em 16 de Dezembro de 1976 e enterrado pela família no Cemitério da Quarta Parada em São Paulo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Cuba, Ricardo Cuba.**

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – Boa tarde a todos e todas, eu sou Ricardo Kobayashi, assessor técnico da Comissão da Verdade, eu passo agora a leitura do memorial do Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar, assassinado em 16 de Dezembro de 1976.

Pedro nasceu em 23 de Setembro de 1913 em Óbidos – PA, filho de Felipe Cossio Pomar e Rosa de Araújo Pomar, foi dirigente do Partido Comunista do Brasil, PCdoB. Seu pai era Peruano, Pintor, Escritor e um dos criadores da APRA, Aliança para Revolução Americana. Entre 1918 e 1920, a família viveu em Nova Iorque e lá o casal se separou. Rosa voltou para Óbidos e encarregou-se de sustentar sozinha os filhos Pedro, Roman e Eduardo. Em 1923 com treze anos de idade, Pedro saiu de Óbidos para fazer o ginásio em Belém – PA, Ginásio Paraense onde iniciou a sua participação política e a sua introdução na literatura comunista tornando-se um ativista estudantil.

Em 1930 tomou parte dos movimentos políticos do Pará encabeçados pelos Tenentes Liberais, mas logo se desiluiu com eles. Esmagada a revolta, Pedro Pomar teve que viver um tempo no Rio de Janeiro em razão das perseguições políticas. Ficou hospedado na casa da escritora Eneida de Moraes, militante comunista e Jornalista do Diário de Notícias que o convidou para entrar no PCB. Em 1933 voltou para Belém e aos 19 anos entrou para a Faculdade de Medicina. Nessa época jogava futebol profissionalmente como meio-campista no Clube do Remo. Em 05 de Dezembro de 1935 casou-se com Catarina Patrocínia Torres com quem teve quatro filhos. Aos 22 anos, em Janeiro de 1936, cursando o terceiro ano da Faculdade, Pomar foi preso pela primeira vez. Saiu da prisão em 16 de Junho de 1937.

Com o avanço da repressão política, Pomar passou a viver na clandestinidade, abandonou o curso de medicina e tornou-se militante profissional do PCB. Voltou a ser preso em Setembro de 1939 em pleno Estado novo. Alguns companheiros comunistas como Maurício Grabois e Amarílio Vasconcelos, organizaram a sua fuga em 05 de Agosto de 1941 e seguiu para o Rio de Janeiro com outros integrantes do PCB. Araújo ajudou a formar a Comissão Nacional de Organização Provisória que reorganizou o Partido em escala nacional convocando e realizando Conferência da Mantiqueira em 1943. Nesse período, Pomar trouxe para o Rio sua esposa Catarina e seus filhos Vladimir e Eduardo.

Foi um dos dirigentes eleitos na conferência nacional do PCB quando passou a atuar junto ao Movimento Operário lidando com os problemas cotidianos das fábricas, dos bairros populares e do movimento sindical em São Paulo.

Com o fim da ditadura do Estado Novo, a promulgação da anistia política e o breve período de legalização do PCB, Pomar teve como tarefa partidária atuar no Rio de Janeiro, na área da educação e propaganda do Partido. Nessa época o Partido passou a ter aproximadamente 200.000 militantes necessitando, portanto de um trabalho de formação política e ideológica mediante a realização de cursos, debates e da edição de publicações de jornais diários. Pomar foi eleito em Janeiro de 1947 no pleito complementar para a Câmara Federal pela legenda do PSP, Partido Social Progressista com outros militantes do PCB.

Em 07 de Maio de 1947, o PCB teve seu registro cassado pelo Governo de Dutra. O Congresso Nacional expulsou os Parlamentares Comunistas com exceção de Pomar e de Diógenes Arruda por terem sido formalmente eleitos pela sigla do PSP. Na condição de Parlamentar teve atuação de extrema importância, usava a tribuna para denunciar as arbitrariedades da violenta repressão política que se abatia sobre os comunistas, além disso, prestava solidariedade aos presos e facilitava o encaminhamento de companheiros para a clandestinidade. Nesse ano tornou-se pai pela terceira vez e nasceu o filho Joran, prematuro e com necessidades de cuidados especiais.

Chefiou a delegação Brasileira ao Congresso Mundial da Paz no México em Setembro de 1949 onde se encontrou com seu pai que então vivia naquele País. No início do ano Parlamentar de 1950, a Câmara recusou o pedido de cassação do seu mandato encaminhado pelo Deputado Nobre Filho, alegando como motivo o discurso proferido no Congresso Mundial pela Paz na Cidade do México. Finalizou o mandato parlamentar em 1950, os comunistas foram proibidos de se candidatarem sob quaisquer legendas partidárias. Assim, Pomar viu-se obrigado a viver novamente na clandestinidade sendo deslocado do Secretariado Nacional e enviado ao Rio Grande do Sul onde atuou com o codinome de Ângelo nas lutas operárias e populares contra a carestia de 1951 e 1952.

No Rio Grande do Sul nasceu o seu quarto filho, Carlos. Foi indicado para participar de um Comitê Especial organizado em São Paulo com a finalidade de dirigir o processo de lutas grevistas e contra a carestia. No fim de 1953 voltou a morar no Rio de Janeiro com sua família e logo depois foi à União Soviética onde estudou por dois anos só voltando para o Brasil em 1955.

Retornou para São Paulo incorporando-se ao Comitê Regional Piratininga, responsável pela organização do partido na Grande São Paulo. Em 1956 integrou a delegação Brasileira do PCB ao Oitavo Congresso do PC Chinês. Em 1959 participou do Congresso do PC Romeno e assistiu ao choque entre Krushev, o PC Chinês e o Partido do Trabalho da Albânia. Recebeu a missão de ir a Cuba, seu pai também se encontrava lá, mas ele não teve essa informação nos 40 dias em que permaneceu no País. O Quinto Congresso do PCB em 1960 no qual predominou a luta interna, Pomar ainda foi mantido como membro suplente do Comitê Central. De 1957 a 1962 participou ativamente da luta interna do PCB o que lhe valeu a paulatina destituição das posições de direção que ainda ocupava, de dirigente regional passou a dirigente do Comitê Distrital do Tatuapé.

Pressionado pela Direção negou-se a voltar ao Pará e para sobreviver passou a fazer traduções e a dar aulas. Traduziu alguns livros de economia, uma série de livros de Psiquiatria e de outros ramos científicos, tanto do Inglês e do Francês como do Russo. Traduziu também os dois primeiros volumes de A Ascensão e Queda do Terceiro Reich de W. Shirer e de Moncada à ONU de Fidel Castro e deu aulas de Russo. Em razão a sua militância na clandestinidade, a maioria dessas publicações era feita em nome de outras pessoas. O desfecho das divergências caminhava para a sua expulsão e a criação em Fevereiro de 1962 do PCdoB, com Maurício Grabois, João Amazonas, Calil Chade, Lincoln Oest, Carlos Danielli e Ângelo Arroyo.

Eleito membro do Comitê Central do PCdoB e redator-chefe de A Classe Operaria, Pomar dedicou-se a organizar o novo Partido. Com o golpe de 1964, Pomar teve que se retirar para um esconderijo. Sua casa no bairro do Tatuapé, em São Paulo, foi vasculhada e depredada pela polícia e ainda em Abril daquele ano, teve sua prisão preventiva decretada. No fim de 1964 conseguiu reorganizar a sua vida com a família sob a clandestinidade em um bairro Paulistano de classe média, realizou diversas viagens para Goiás, Maranhão e Sul do Pará para instalar militantes nas áreas rurais, passava por vendedor de medicamentos.

Teve papel destacado na Sexta Conferência Nacional do PCdoB em Julho de 1966, apesar das dificuldades enfrentadas com o desencadeamento de nova crise interna partidária que levou à formação da ala vermelha do Partido, teve úlcera supurada tendo que submeter-se à uma cirurgia de emergência. Teve uma prolongada convalescência e

intranquilo com ocorrência de divisões no Partido, nessa época continuava morando em São Paulo, como discordava da linha política e dos métodos adotados pela Direção, não integrava o núcleo dirigente mais restrito do Partido, só depois do assassinato de três membros da comissão executiva em fins de 1972, Pomar incumbiu-se da direção organização.

Após a derrota da Guerrilha do Araguaia, escreveu um balanço crítico em torno do qual conseguiu reunir a maioria da direção. Pomar não deveria estar presente na reunião no bairro da Lapa em São Paulo naquele dezembro de 1976, mas sua mulher estava doente e desenganada pelos médicos o que eu o levou a desistir de uma viagem à Albânia. E por uma dessas ironias da vida, vários membros da família se reuniram para despedir-se de Catarina que viveria até 1986, sem saber que na verdade despediam-se de Pedro.

Pomar foi enterrado com nome falso no Cemitério de Perus e em 1980 sua família fez o traslado de seus restos mortais para Belém – PA. As informações foram tiradas do Dossiê Mortos e Desaparecidos Políticos.

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** – Bem, boa tarde a todos e todas. A foto de cima é a foto da casa, tem um detalhe marcante que é aquele arco *né*, um pequeno alpendre com um arco em forma de arco. Essa casa hoje está completamente, não existe mais a casa, foi feito um prédio que eu acho que vão mostrar a foto aí depois, que é um prédio inicialmente tinha sido feito em concreto aparente, é onde funciona uma clínica urológica, a casa desapareceu na verdade e a foto debaixo mostra a porta da frente da casa, totalmente destruída pelas balas, pelos tiros dados pelos agentes do DOI-CODI.

Bem, as duas fotos de cima são do interior da casa, bastante avariada pelos tiros e a foto de baixo mostra as armas supostamente apreendidas no local. Já foi lido aí, acho que pela Vivian, foi lida a passagem que é apontada à contradição entre os laudos. Eu trouxe os laudos aqui, eu tenho os laudos na íntegra, vocês podem notar que são cinco armas de fogo e são quatro, se eu não me engano, são quatro armas brancas.

Essas armas de fogo, quer dizer, elas, primeiro que o laudo dos peritos que vão ao local, só fala em duas armas. Esse laudo, com essas fotos, só foi solicitado vários dias depois e fala em cinco armas de fogo e aí há detalhes, por exemplo, uma dessas armas é um Winchester modelo 1892, é uma arma completamente anacrônica. Essas armas brancas, vocês podem notar que a maior é um sabre, quer dizer, é uma coisa até, é ridículo, é uma tentativa de realmente enganar, então os laudos são muito claros, a respeito dessa questão.

Aí também, a foto de cima também é o interior de um dos quartos e a foto de baixo se não me engano, é do vitrô da cozinha que era o oposto, exatamente oposto a entrada da casa. Porque os agentes também se colocaram do lado de trás da casa pelo que a gente sabe, então eles também dispararam contra esse vitrô.

Essas são as fotos da sala *né*, se eu não me engano, aparece, tem uma, vocês podem ver ali perto da, não sei se dá para aumentar aí a foto de cima? Primeiro, que é muito estranho porque é obvio, o Arroyo aparece primeiro de bruços e depois você aparece virado, quer dizer, então *mexeu-se* no corpo, a primeira questão, *né*?

Segundo que você vê a arma ali do lado dele que deve ser ou a Carabina ou o Rifle, uma das duas armas de longas *né*? Quando se sabe pelo depoimento da Maria Trindade que milagrosamente sobreviveu, se sabe que o Arroyo foi o primeiro a cair, ele não teve tempo de nada, então aparece a arma e do lado, você podem ver, do lado do corpo do Pedro, uma arma curta, uma arma curta, gente. E esse detalhe que eu me lembro de ter ouvido minha mãe comentar quer dizer, os óculos eram para leitura, é até engraçado, para perto, é até engraçado que em um momento daquele em que a preocupação dele foi botar fogo nos papéis e etc., eles fossem botar óculos *né*?

Então, é muito evidente que se trata de uma cena forjada, muito evidente. Tem outro aspecto que não aparece aí na foto, mas que em uma das fotos da primeira edição do livro, é visível, você está com ela aí ou não?

Que é o seguinte, são os tiros disparados de dentro para fora, que supostamente, quer dizer, representaria uma resistência das pessoas que estavam na casa e aí você vê tiros disparados de dentro para fora, no canto das paredes, na parte de baixo do rodapé, quer dizer, os defensores estavam atirando para todas as direções, menos para quem

estava, exatamente, menos para quem estava atirando na casa *né?* Quer dizer, também é uma coisa completamente incongruente *né?*

Essas são aí já é um período posterior, 1978, o julgamento na Auditoria Militar, aí primeiro a chegada dos presos, na foto de cima em primeiro lugar, Joaquim Celso de Lima, o Joaquim faleceu há alguns anos atrás, na foto de baixo a Maria Trindade, também faleceu mais recentemente e a entrada do prédio da Auditoria que agora felizmente vai ser transformado em um memorial dos advogados que lutaram, que defenderam os presos políticos. Na foto de cima, nós vemos à direita a Elza Monnerat, à esquerda a Maria Trindade. A Elza tinha quando foi presa, já tinha 63 anos de idade, o que não impediu que ela fosse bastante torturada em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Em segundo plano, é um jornalista cujo nome não me recordo agora. Na foto de cima, é um jornalista conhecido, vou me lembrar do nome dele mais tarde. Hein?

**O SR.** – É o Alex Solnik

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** - É, acho que sim, acho que sim. É o Alex Solnik. A foto de baixo, vocês veem Wladimir Pomar de camisa branca, Aldo Arantes no meio e depois Haroldo Lima, que os três eram também dirigentes assim como a Elza, eram dirigentes do Partido Comunista do Brasil na época, que participaram da reunião do Comitê Central.

(Inaudível)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos começar então? Se identifique, fala o seu nome. Conta um pouco a história da sua família além do que já foi contado, fica mais natural, faz essa retrospectiva, daí a gente, fale um pouco da militância.

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** – Bom, o Adriano está pedindo para que eu me identifique bom, tudo bem. Eu sou o Pedro Estevam da Rocha Pomar, sou neto do Pedro Pomar, sou filho do Wladimir que foi preso na ocasião, foi torturado junto com os outros como acabou de aparecer aí *né*, então, sentimos a necessidade de fazer uma pesquisa que levasse à produção desse livro para repor a verdade dos fatos, porque é importante deixar bem claro que a ditadura construiu como em todos os outros casos, a ditadura também nesse caso construiu uma versão inteiramente fantasiosa e inteiramente mentirosa, então era preciso contestar essa versão oficial.

Por exemplo, como eu já mencionei, foi dito que houve tiroteio, houve resistência armada. Foi dito também que João Baptista Franco Drummond morreu atropelado em outro local. Posteriormente foi negado que tenha havido torturas e houve torturas. É preciso dizer o seguinte, os presos da Lapa foram torturados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Eles foram levados para o Rio de Janeiro e foram torturados durante dez dias no DOI-CODI do I Exército, não foram torturados apenas em São Paulo.

(Inaudível)

E a operação, exatamente como lembra o Ivan, a operação, ela começou no Rio de Janeiro, porque o traidor que é o Jover Teles que era um integrante do Comitê Central do PCdoB, ele foi capturado no Rio de Janeiro e passou a colaborar com os militares em troca de benefícios materiais.

(Inaudível)

Sim, além de ele receber uma quantia em dinheiro, posteriormente nós ficamos sabendo que ele e a filha ganharam empregos em uma fábrica de armas, que obviamente as fábricas de armas têm ligações com o Exército, então eles ganharam e quando eu consegui fazer a entrevista com ele em Porto Alegre, uma coisa que me chamou a

atenção é que em cima da mesa da sala havia uma miniatura de uma arma, em um pedestalzinho de madeira com uma miniatura de uma arma, só muito depois por meio de uma reportagem do Jornal do Brasil e também revelações que o Major Curió fez, ficamos sabendo então que ele e a filha tinham sido contratados aí, isso foi parte do pacto, além da quantia em dinheiro.

Então houve a tortura, um dos presos, que obviamente a tortura é brutal e todos sofreram com as torturas e elas estão detalhadas em minúcias nesse livro, houve a cadeira do dragão, houve a tortura chinesa, houve a geladeira, que havia no Rio de Janeiro que era uma técnica, me parece Inglesa, então houve tudo isso, mas é preciso destacar, primeiro o fato de que a Elza Monnerat já tinha 63 anos e Aldo Arantes sofria de epilepsia e precisava inclusive de ser medicado, então sofreu particularmente com as torturas. Então, há toda uma série de episódios que a gente relata no livro mostrando como o II Exército fantasiou isso aí, negou o tempo todo que houvesse torturas, porque os advogados denunciavam isso e aí é preciso destacar que *tentou-se* construir uma versão para o Dilermando Gomes Monteiro, que era o General Comandante do II Exército, de que ele era o General bonzinho.

Até há um episódio em que a Dina Sfat em um programa de TV de maneira meio ingênua diz para ele que ele é um General bonzinho ou coisa parecida, mas esse General bonzinho foi quem autorizou e comandou a chacina da Lapa e há inclusive publicado pelo Jornal do Brasil, um pequeno discurso que ele faz na véspera do ataque, no antigo Batalhão de Guardas da Polícia do Exército, que ele faz um discurso em que é muito evidente que já sabia *né*, e toda a documentação disponível, todos esses documentos que a gente tem, são documentos oficiais que constam no processo da Justiça Militar.

Então são eles que estão falando *né*? Então, esse caso é um amontoado de mentiras o tempo todo, eu acabei de mostrar aqui para a Amelinha, que está do meu lado aqui, o relatório confidencial o RPI 12/76 do Centro de Informações do Exército, o CIE, que foi quem comandou tudo. Ele começa dando a versão do atropelamento e aí em um determinado momento ele diz assim, Ângelo Arroyo, Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar e João Baptista Franco Drummond, mortos ao resistir à prisão. No mesmo documento que fala do atropelamento, documento falso, documento mentiroso, assim como esse que o Élio Gaspari produz enviado pelo Figueiredo ao Geisel.

Então, todos esses documentos são escandalosamente mentirosos. Tem um outro documento aqui também tirado do processo na Justiça Militar que é um documento do Quartel General do II Exército assinado pelo General de Brigada Carlos Xavier de Miranda, que era o chefe do Estado Maior lembrando o seguinte, o Chefe do Estado Maior é sempre o chefe do DOI-CODI, então esse cidadão aqui, esse General era também o chefe do DOI-CODI do II Exército e é um documento enviado a quem? Enviado ao Secretário de Segurança Pública, datado de 16 de Dezembro de 1976, ofício sem número, número 76 e 02 DOI, diz o seguinte; Incumbiu-me o excelentíssimo senhor General Comandante do II Exército de informar à V.S.<sup>a</sup> dos seguintes fatos. Prosseguimentos às diligências visando a neutralização das atividades subversivas do Partido Comunista do Brasil, foi descoberto na noite de 13 de Dezembro de 1976 o local onde estava sendo realizado uma reunião clandestina. É mentira, porque o local foi descoberto no dia 10 ou no dia 11 e não no dia 13. Aí, essa reunião, ela começou no dia 11 e foi até o dia 15 e desde o primeiro momento a casa era monitorada porque o DOI-CODI do I Exército trouxe o Jover para São Paulo ao contrário do que normalmente se diz, não, o Jover informou o local da reunião. Ele não informou o local da reunião porque ele não sabia o local da reunião, o que ele informou foi o ponto onde ele foi apanhado, então o DOI-CODI do I Exército fez a campana e quando o carro o apanhou, seguiu o carro e descobriu a casa.

Então, montou-se toda uma equipe que ficou monitorando a casa durante vários dias, existem fotos que foram mostradas aos presos do Joaquim Celso de Lima, que era o motorista, fazendo compras na feira. Eles tinham o controle total da casa, eles não precisavam matar ninguém assim como eles prenderam já na noite do dia 15 que eles prenderam as primeiras pessoas ao final da reunião, quando as pessoas eram levadas, eles podiam prender todo mundo, não havia necessidade de matar ninguém, então, isso é preciso que se diga.

Mas, voltando ao relatório, então ele diz aqui no documento que nessa mesma madrugada, quando tentavam evadir-se por haver notado que estavam sob vigilância, o militante João Baptista Franco Drummond, Evaristo, foi atropelado por um auto não identificado nas imediações da Avenida Nove de Julho com a Rua Paim. É fantástico. Ele estava na casa, ele notou sozinho, ele notou que estava sendo vigiado e aí ele foi

atropelado na Avenida Nove de Julho. Ele estava na Lapa. Então é outra mentira escandalosa.

E finalmente, aí o item F. Lograram em evadirem-se dois integrantes do PCdoB identificados como sendo, Manoel Jover Teles e Ramiro de Deus Bonifácio. *Pô*, Ramiro de Deus Bonifácio é um outro militante que não estava na casa, que não tem nada a ver com o Comitê Central. Na verdade, a outra pessoa que sai junto com o Jover, é o José Gomes Novaes, que é um militante conhecido da Bahia, que depois chegou a ser vice-presidente da CUT durante um período, morreu há alguns anos atrás, José Gomes Novaes, era um militante conhecido do PCdoB na Bahia e ele só escapou porque a repressão não podia deixar o Jover escapar sozinho, porque ficaria evidente que foi o Jover quem entregou, então como o José Gomes Novaes estava junto com o Jover, eles deixaram escapar os dois para que houvesse esse despiste.

O Ustra, que foi Comandante, não preciso dizer aqui nesse plenário quem é o Ustra, o Ustra diz no livro dele, *Rompendo o Silêncio*, que eles realmente faziam isso, é um método conhecido para você tentar não preservar a identidade do informante.

Então é isso, eu só procurei dar alguns exemplos aqui dos vários momentos em que os documentos oficiais construíram uma versão mentirosa e essa versão mentirosa foi estampada nos jornais da época e ela acabou de certa maneira, ela acabou persistindo. Você lê algumas publicações, você tem a impressão que após a morte do Herzog e do Manoel Fiel Filho e em seguida a demissão do Ednardo, não houve mais mortes na ditadura, não houve mais repressão violenta e não houve mais tortura.

Então achamos importante fazer essa contraposição para repor a verdade histórica. Eu estou à disposição, se alguém quiser fazer alguma pergunta.

(Aplausos)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Bom, Pomar, eu acho então que a gente podia fazer a retrospectiva da militância mesmo, porque aqui nesse testemunhal tem e a história do seu avô é uma história do povo Brasileiro, não é? É do

Parlamento, da existência, da ditadura, do racha, então acho que era interessante, quer dizer, esse aspecto final da apuração, da morte, dos envolvidos, isso é uma coisa importante, agora se você pudesse falar da vida, não é? Da vida, de toda essa trajetória falando do seu avô em particular e dos outros companheiros, da história do Partido, mesmo porque infelizmente essa história é assumida pelos familiares e não pelos partidos. Então queria se você pudesse, com toda a liberdade fazer a retrospectiva.

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** – Bom, eu acho que essa leitura que foi feita sobre essas três pessoas que a ditadura executou, ela mostrou um pouco do que foram essas pessoas *né?* É uma coisa muito assim, que é interessante e claro, ao mesmo tempo muito trágica, é que eles eram militantes de três gerações distintas, então quer dizer, o meu avô estava com 63 anos quando foi assassinado, o Arroyo se eu não me engano tinha 48 anos, então era uma pessoa de meia idade e o Drummond tinha 34 anos. Eram três gerações de lutadores, três gerações, todos com uma experiência riquíssima, todos certamente estariam hoje ao nosso lado lutando contra a desigualdade social que persiste em nosso País se não tivessem sido brutalmente assassinados. Então, esse é um aspecto muito interessante e quando eu fazia o livro, eu conheci pessoalmente o Arroyo, assim, era menino e tive a oportunidade de conhecê-lo, nunca conversei com ele nem nada. Drummond eu não conheci, eu fui aprender mais sobre ele no processo de elaboração do livro e então, no Drummond o que marcava e isso, eu peguei um depoimento muito bom com José Gomes Novaes que era justamente o entusiasmo e uma vontade muito grande de não se deixar subjugar.

Então, por que o Drummond morre? Ele morreu em um acidente de trabalho, ele foi capturado na noite do dia 15 e morreu às quatro da manhã do dia 16, portanto antes do ataque a casa, quando estava sendo torturado e ele consegue se desvencilhar dos torturadores e tenta fugir dos torturadores, eu conheço, eu não conheço outro caso, deve ter acontecidos outros, mas esse é o caso que eu conheço e ele então acaba caindo no poço da torre de rádio do DOI-CODI da Rua Tutóia. Ele cai na queda, cai na queda é uma redundância, ele morre ao cair porque ele tentava fugir, quer dizer, ele sai e consegue se desvencilhar, sai do local onde estava sendo torturado, os torturadores atrás dele e ele então despenca no fosso da torre de rádio.

Existem depoimentos bastante consistentes sobre isso, quer dizer, isso obviamente, não devemos ter nenhum receio de falar isso porque isso não tira em nenhum milímetro a responsabilidade dos torturadores e da repressão, quer dizer, ele estava sendo torturado e tomou a iniciativa de fugir e ele já tinha dito que faria isso. Então, existe o relato do José Gomes Novaes porque isso foi discutido na reunião, a questão dos métodos de defesa diante da tortura, porque estava havendo quedas, as pessoas estavam sendo torturadas e uma preocupação sempre presente era como reagir à tortura, como resistir à tortura? E ele já tinha dito que ele faria isso e fez e claro, pagou com a vida, mas fez. Então, essa determinação em uma pessoa tão jovem é uma coisa muito admirável.

Em relação ao Arroyo, é interessante notar que ele entrou ainda adolescente no Partido Comunista, ele entrou adolescente, ele era um operário e tem uma militância notável, quer dizer, esse trecho do Saldanha que foi lido, eu não conhecia isso, quer dizer, esse militante que sofreu esse tipo de tortura e que, no entanto manteve-se na luta e foi para a luta armada inclusive. Podemos discutir se a luta armada naquele momento foi adequada ou não, mas quer dizer, ele se colocou, ele foi, ele foi para o combate.

Então, quer dizer, e uma pessoa que vem das lutas heroicas, teve até onde se sabe um papel muito destacado na greve de 1953, na grande greve de 1953 em São Paulo e uma pessoa de raízes proletárias. Então, nesse sentido, uma pessoa muito importante também, quer dizer, essas mortes, elas mostram que o regime realmente estava se fazendo uma limpeza, uma limpeza preventiva eliminando os quadros mais experientes da classe operária, da classe trabalhadora.

E o meu avô, eu tive o privilégio de viver alguns anos com meu avô, quando eu já era adolescente em São Paulo, na Rua Simão Álvares, quase esquina com a Arthur Azevedo. Hoje tem muitos edifícios ali e eu alguns anos passei ali para tentar ver se eu descobria a casa, localizar a casa e tem duas casas muito parecidas ali, então eu não sei de fato qual era a casa, mas ela até recentemente estavam resistindo lá. Então eu morei ali com meu avô Pedro e a minha avó Catarina e com o meu tio Carlinhos. O meu tio Carlinhos morreu recentemente, gostaria de fazer aqui essa menção, ele morreu recentemente na região do Triângulo Mineiro onde ele morava em um desastre de avião, ele era piloto, tentando trocar o nome, ele não conseguiu trocar o nome. Eu não sei ainda porque razão, ele entrou com um processo judicial para recuperar o nome de

família assim como eu fiz, o meu irmão e etc., mas ele não conseguiu e ele então morreu vai fazer acho que, um ano agora.

Eu morei então com os meus avós e com o meu tio nessa casa em Pinheiros e então eu tive, consegui conviver com meu avô em vários momentos. Eu não tenho a menor dúvida a respeito da importância do Pedro Pomar no cenário Político Brasileiro na história da luta pela emancipação da classe trabalhadora no Brasil. Pela sua trajetória sui generis e eu estava comentando aqui com a Amélia, em Janeiro de 1947 houve essa eleição complementar, o meu avô foi eleito Deputado Federal com 135.000 votos. Quando, hoje já elegeria, ele foi eleito com 135.000 votos em 1947 quando o eleitorado nacional salvo engano meu, era de 6.000.000 de eleitores, o eleitorado nacional.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Por que Estado?**

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR – Por São Paulo, por São Paulo.** Eram eleições complementares. Nessa mesma ocasião, o Diógenes Arruda se elege também com 62.000 votos ou coisa parecida, quer dizer, o Partido Comunista tinha um enraizamento formidável em São Paulo nessa época e o meu avô era uma pessoa muito conhecida de fato *né?* Era uma pessoa muito conhecida principalmente aqui e no Pará que é o Estado natal dele. E eu acho que em toda essa discussão sobre os caminhos da Revolução Brasileira e sobre como o Partido Revolucionário deve dialogar com as massas de trabalhadores, com a população, ele tem uma elaboração muito interessante que vai aparecer nos documentos partidários. Infelizmente não nos deixou muita coisa publicada na forma de livro, não deixou praticamente nada.

Há vários textos interessantes, mas que não aparecem na forma de livro, então é preciso garimpar. Foi lançada uma biografia, uma primeira biografia escrita pelo meu pai e eu tive a felicidade de ajudar nesse esforço, eu e meus irmãos, minha mãe, chama-se Pedro Pomar e a Vida em Vermelho que foi lançada pela Editora Xamã em 2003, que é um livro muito bonito eu acho, que é o meu pai, o Wladimir Pomar foi companheiro de militâncias do meu avô e acho que é uma pessoa que também tem um peso muito grande na história política desse País, na esquerda desse País e ele fez um livro que é

uma homenagem ao meu avô evidentemente, mas mostrando todas as contradições que como seres políticos a gente tem, então é um livro que mostra a vida do meu avô e que acrescenta uma série de passagens que são muito interessantes e tudo mais. É um livro que eu acho importante para as novas gerações de lutadores.

Mas recentemente saiu uma nova biografia, essa escrita pelo Jornalista Osvaldo Bertolino da ligada Fundação Maurício Grabois, agora me escapa o nome do livro, mas também é uma biografia, uma extensa biografia, se eu não me engano tem Setecentas e tantas páginas e então eu acho que essas homenagens começam a serem feitas agora, quer dizer, o Brasil tem uma rica história de lutadores sociais e eu não tenho a menor dúvida de que o meu avô faz parte com destaque dessa miríade de lutadores, eu acho que é isso, eu não conseguiria falar mais nada, viu Adriano, agora, se alguém quiser fazer perguntas específicas, eu posso responder.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eu queria ainda, a última, tentar falar um pouco então da história do Partido, da militância política dele como comunista, dessa trajetória, desse conteúdo da biografia. Se você pudesse falar um pouquinho, porque foram tantas fases e eu acho que ele é o grande desses personagens da história do Brasil, então acho que ele deu (ininteligível) no Partido Comunista, outros racharam, foram fazer a dissidência comunista ao lado do Marighella, outros foram formar o PCdoB, a relação com a China, então eu acho, tem até uma situação que ele estava no exterior, então tem o debate sobre a União Soviética, a China, a Albânia.

Se você pudesse falar mais um pouquinho ou se você quisesse falar dos outros companheiros e aí a gente podia abrir, não é muito usual a gente abrir o debate para não perder o foco, mas se você está em condições de falar essa trajetória porque, por exemplo, o Araguaia que é uma coisa importante, o Arroyo estava nessa casa, o Araguaia que depois o PCdoB não assume o atual PCdoB não assume o Araguaia, não é?

**O SR.** – Não assume nem essa Audiência.

**A SRA.** – Não assume?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você podia falar um pouco sobre isso?

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** – Eu vou tentar. Bem, recentemente houve uma homenagem ao Pedro na Câmara Municipal de São Paulo e nós recebemos, nós eu digo os familiares, nós recebemos convite de companheiros do PCdoB para participar dessa homenagem. No entanto, nós preferimos não participar, preferimos não participar porque se o fizéssemos sem pedir que o PCdoB se desculpassem perante o meu pai e meu avô, seria difícil fazer e se pedíssemos para que se desculpassem durante a cerimônia, também criaria um constrangimento, então preferimos não participar.

Alguns familiares que não tem ligação com a militância política que certos membros da família têm, foram. Tudo bem, mas nós que temos aqueles que são membros da família que tem uma militância política, achamos melhor saudar de longe como também achamos saudável que tenha sido lançado essa biografia agora porque não somos proprietários da memória do Pedro, nós trabalhamos para que essa memória seja preservada, mas não somos proprietários.

Agora, é importante, já que o Adriano, eu não pretendia mencionar isso, mas já que o Adriano pergunta, quer dizer, há toda uma polêmica envolvendo a Guerrilha do Araguaia, assim como há uma polêmica envolvendo também a Lapa, a queda da Lapa.

A Guerrilha do Araguaia foi derrotada militarmente em fins de 1974, hoje a gente já sabe que alguns guerrilheiros, ou melhor, até dizendo algumas guerrilheiras porque até onde eu sei eram todas mulheres acabaram sobrevivendo, quer dizer, eu particularmente achava que o Osvaldo tinha sido o último a morrer, mas hoje já se sabe que algumas pessoas sobreviveram e foram executadas posteriormente. Foram capturadas e executadas, não foram mortas em combate, foram pouquíssimas as pessoas mortas em combate no Araguaia. A maioria dos guerrilheiros foram executados covardemente pelo Exército Brasileiro, Exército, Marinha e Aeronáutica.

Então, o que aconteceu? Mesmo com a derrota da guerrilha, derrota política e militar em fins de 74, a Direção do PCdoB, ela não tinha um balanço completo do que tinha acontecido ali e havia uma diferença de opinião, havia um grupo particularmente capitaneado pelo João Amazonas que dizia que aquela derrota foi uma derrota parcial, foi uma derrota apenas militar e que era preciso retomar o trabalho e havia um grupo que dizia não, houve um erro. Em que pese todo o heroísmo dos que tombaram, mas houve um erro, a guerrilha se desenvolveu como dizia o meu avô, de maneira Blanquista, quer dizer em que os combatentes comunistas é que vão diretamente para o combate sem o envolvimento da massa camponesa e com isso, o que aconteceu? Foram exterminados porque não havia, não que não houvesse apoio, não que não houvesse envolvimento de algumas pessoas, mas não havia um apoio massivo e um envolvimento massivo da população, não havia movimento camponês inclusive para suportar a guerrilha.

Então, ela acabou sendo uma transposição do foco para a área rural. Então este debate acabou dividindo a direção do Partido Comunista do Brasil. Em torno desse debate acabaram havendo alinhamentos, manobras e etc., então há uma discussão, por exemplo, por que o Jover foi chamado para esse debate? Ele não deveria ter sido, porque já estava claro que havia problemas de segurança envolvendo o Jover no Rio de Janeiro. No entanto, o Jover foi levado para o debate e ele levou o rabo com ele, ele foi levado para o debate. Por quê? Porque se achava que ele tinha uma posição de avaliação que era favorável à maneira como a luta foi desenvolvida e a abertura de novas frentes de luta. Acabou não sendo isso, mas esse cálculo político é que permitiu que uma pessoa que não tinha dado explicações consistentes sobre a sua situação no Rio, fosse levada para a reunião do Comitê Central.

Lembrando que o Comitê Central já neste momento se reunia apenas em metade por questões de segurança e que vários de seus membros já estavam no exterior por questões de segurança, então essa é a primeira coisa. Nesta reunião como a gente pode ver pelos depoimentos e pelas anotações que sobraram da reunião, já se constituíra uma maioria crítica à experiência da guerrilha, crítica no sentido de que foi empreendida de maneira errada, mas jamais sem levar em conta o heroísmo dos que tombaram ali. Acontece que com a queda da Lapa, essa maioria desapareceu e também desapareceu o

debate, o debate também desapareceu, passou-se uma borracha em cima daquilo e claro que isso teve repercussões depois.

Aqueles dirigentes presos foram punidos, inclusive o Haroldo e o Aldo, foram punidos em um primeiro momento, foram afastados do Comitê Central. Aldo, Haroldo, Wladimir e voltaram depois mediante digamos assim, negociação, recomposição de opiniões. Então, isso realmente é algo muito complicado, isso é algo muito complicado. Isso tudo acabou também dificultando a identificação dos motivos diretos da queda, então, o Wladimir, por exemplo, após várias conversas, exaustivas conversas na prisão, chegou à conclusão que foi o Jover por vários motivos. Estava usando barba, nunca usou barba, por que está usando barba? Barba só (ininteligível), porque estava usando barba? Para ser facilmente identificado na hora de sair.

Vários indícios que foram feitos, das conversas entres os repressores, os torturadores e os torturados, a questão das explicações do Rio, que não eram convincentes e tudo mais. No entanto e finalmente ele aparece em Porto Alegre e é contactado por um dirigente histórico da Esquerda Gaúcha, o companheiro Elói Martins, que é uma lenda, um companheiro militante de muitas décadas, foi preso político também, encontra o Jover gerenciando uma loja de presentes, provavelmente comprado com o dinheiro da repressão e o Jover não dá explicações convincentes, como é que ele chegou ali, tal?

Então, o Jover acaba depois de muitas negociações mandando uma carta para o Comitê Central, uma carta em que ele faz considerações ideológicas, dentre essas considerações ideológicas tem uma que vai aparecer na entrevista que ele me concedeu que é a história da Sístole e Diástole. Quem leu alguma coisa do Golbery, sabe que essa era uma das metáforas prediletas do Golbery, Sístole e Diástole para falar de abertura política e fechamento político, então o Jover usou isso na conversa comigo várias vezes e a carta que eu não vi, porque o PCdoB não mostra para ninguém, a famosa carta do Jover, eu tentei conseguir várias vezes com a Direção do PCdoB em vão, em vão porque ela sumiu, sumiu.

Então, esse debate do Araguaia, que é o pano de fundo de todas essas escaramuças e etc., ele tem uma participação muito grande do Pedro, em que ele faz essa análise de que você teve ali um movimento Blanquista no sentido de que os

revolucionários substituíram a população que devia pegar em armas, porque se você quer luta armada, é preciso que a população pegue em armas. Isso não aconteceu ali, então os combatentes foram dizimados. O resultado concreto do Araguaia, em que pese o formidável heroísmo de todos aqueles companheiros, é que você teve setenta, ou setenta e poucos quadros dizimados, melhores quadros inclusive vários dos melhores quadros da juventude brasileira morreram ali, como também morreram na guerrilha urbana, então também perdemos na guerrilha urbana.

Isso é um debate importante que deveria ser feito sem, com muita tranquilidade e essa avaliação dele, veio de toda uma experiência de vida que remonta a fase heroica de toda uma reorganização do Partido Comunista, a Conferência da Mantiqueira em 1942, então ele teve, o Pedro Pomar teve um papel muito importante junto com o próprio Amazonas, junto com o Maurício Grabois que teve um papel importantíssimo naquele momento, em que o Partido Comunista estava completamente desmantelado, exceto na Bahia onde ele conseguiu se manter. Os quadros da Bahia vêm para São Paulo e para o Rio de Janeiro, o Pomar e o Amazonas fogem da prisão em Belém e vem para o Rio de Janeiro, então no Rio de Janeiro ali se monta, aí tem controvérsias sobre a famosa Knop *né*, tem controvérsia a respeito da comissão, versões diferentes, mas são filigranas, mas a verdade é que ali você teve um núcleo que toma decisão de refundar de certa forma *né*, de reorganizar o Partido Comunista, o Partido Comunista do Brasil, o PCB, Partido Comunista do Brasil, PCB.

E toma essa decisão e fazem isso e quando você chega no final do Estado Novo, no final do Estado Novo, você tem uma conjuntura totalmente diferente no País em que a classe trabalhadora está fervendo porque a classe trabalhadora sofre o diabo com a economia de guerra, então ainda no Estado Novo, você já tem uma avalanche de greves, os trabalhadores vão à luta para recuperar o poder aquisitivo. Economia de guerra, o operário não podia casar, não podia ter reajuste porque coitadinha da empresa estava fazendo economia de guerra. Então, é aquela história que vai o Prestes então e diz; Olha, precisa apertar o cinto. Mas a classe trabalhadora não apertou o cinto, ela foi buscar o seu e o Partido Comunista então se dividia entre a orientação oficial do Prestes de apertar o cinto, os grevistas são aventureiros, não sei o que e a discussão real da classe é de brigar pelo seu direito.

E com isso então durante um breve período, você tem o que foi citado aí o número, esse número mágico de 200.000 militantes. Nunca saberemos se esse número é real ou não, mas o fato é que basta olhar as fotografias da época, basta olhar os comícios do Prestes no Anhangabaú, no Rio de Janeiro, Pacaembu, a campanha eleitoral que o Partido Comunista faz em 1945 e depois em 1947 é uma coisa formidável, o Adhemar aqui em São Paulo se elege com o apoio dos comunistas e realmente é com o apoio dos comunistas porque senão não se elegeria, porque a diferença para o Hugo Borghi foi muito pequena, então é o único Governador que se elege fora do *esquemão* do PSD do Dutra.

Então, os comunistas tem um grande prestígio naquele momento, desfrutam de um grande prestígio e tem um enraizamento muito forte na classe operária e nos setores populares e o Pomar aprende muito com essa experiência. Para vocês terem uma ideia, naquele período, o Partido Comunista chegou a ter oito jornais diários, quantos que o PT tem? O Partido Comunista tinha oito jornais diários, tinha a Tribuna popular no Rio, tinha o Hoje São Paulo, tinha a Folha em Recife, tinha a Tribuna Gaúcha, tinha o Momento em Salvador, então esse é um momento riquíssimo da história da classe trabalhadora e também do seu partido que então era o Partido Comunista.

A classe dominante sente a necessidade de cortar as asas do Partido Comunista e cassa o Partido Comunista. Os Deputados ainda vão ficar até Janeiro de 48 quando também tem os seus mandatos cassados, é o maior esbulho da história desse País é a cassação dos mandatos comunistas Federais e Estaduais em Janeiro de 48, por serem comunistas. Acontece que Pedro Pomar e Diógenes Arruda, como foram eleitos pelo Partido Social Progressista, o PSP que é o Partido do Adhemar, eles não conseguem cassar os dois, então eles conseguem cumprir, chegar ao final do mandato, mas quando tentam em 51, aí já são proibidos e não conseguem.

Então, esse processo muito rico e tumultuado de formação da classe trabalhadora, de constituição da classe trabalhadora como sujeito político, ele é vivido muito de perto pelo Pomar e por várias daquelas lideranças operárias e intelectuais, mas ligadas ao Partido Comunista que era um grande amálgama nesse momento e eu acho que, portanto, quando se chega nessa fase do declínio da ditadura, ele tem muita clareza, ali sobre essa complexidade que estava se colocando para o movimento, *né?*

Eu acho que é isso, não sei se eu respondi a sua pergunta.

(Aplausos)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos, quer falar alguma coisa?

(inaudível)

Ah, o Renan quer falar? Renan, depois você.

**A SR. AMÉLIA TELES** – Meu nome é Amelinha Teles, boa tarde à todas e todos. Eu fui também integrante do Partido Comunista do Brasil na época em que era dirigente o Pedro Pomar e outros, e tive pouco contato pessoal com o Pedro Pomar, muito pouco, mas eu tenho, acho que esse momento que o Neto aqui colocou, o Pedro Pomar foi um dos homens assim, revolucionários do País que tem que ser em todos os relatórios da Comissão da Verdade, tem que contar a história, a biografia desse homem.

Eu me lembro de que antes de ser militante, eu ainda criança, eu sou filha de militante comunista e meu pai sempre ia *né*, ele falava, meu pai era aqui de Santos, então o Pedro Pomar tinha muita inserção aqui junto aos trabalhadores, meu pai como trabalhador, ele sempre nos ensinou, a mim e minha irmã a admirar o Pedro Pomar. Inclusive era comum naquela época eles falarem, vocês que são da turma, os trabalhadores falavam isso com a gente, vocês são da turma do Pedro Pomar, vocês não podem ficar fazendo, se a gente fizesse alguma errada, eles reprimiam a gente dizendo, como é que vocês podem fazer isso se vocês são da turma do Pedro Pomar?

Ele era visto como uma pessoa muito digna, assim no meio operário e dentro do PCdoB quando eu era, eu integrava o PCdoB, o Pedro Pomar era um dos maiores

intelectuais do Partido. Ele era um dos maiores intelectuais, inclusive ele e eu como era da imprensa, ele quem levava os livros para a gente ler, ele cuidava da biblioteca do partido. Pelo menos a biblioteca que eu cuidei dentro dos aparelhos em que eu convivi, porque devia ter várias bibliotecas, então nessas bibliotecas que eu cuidei, ele era o homem que organizava os livros que nós devíamos ler, nós militantes, ele se preocupava muito com a nossa formação política nossa e era um teórico do partido, assim que eu me lembro do Pedro Pomar.

Então eu acho que a perda de todos esses revolucionários durante a ditadura, ela traz reflexos dos dias de hoje, a gente sente a falta de uma análise política mais consistente muitas vezes. Mas o que eu acho importante aqui, é que a gente e isso nós vamos ter que recuperar com a luta *né*, eu acho que nós vamos recuperar pessoas como Pedro Pomar nessa luta que a gente tem travado todos os dias *né*? Mas o que a gente tem, que eu acho importante nessa Audiência de hoje é destacar esse papel do Pedro Pomar e essa importância dele.

O Ângelo Arroyo e o Drummond, eu também não conheci, esses dois eu não conheci, o Ângelo Arroyo acho que ele teve um papel importante tanto na cidade como, aí tem até essa história com o João Saldanha, mas também com a guerrilha do Araguaia, eu acho que ele teve um papel e eu sempre, eu fiquei assim, eu ainda, não eu já tinha sido presa enfim, eu já tinha sido condenada quando eu tomei conhecimento que o Ângelo Arroyo tinha saído do cerco do Araguaia e tinha vindo para a cidade, eu fiquei impressionada com isso.

Porque o cerco ali se fala assim, os números menores de militares lá, é 7.000, 10.000 militares naquela região. O cerco, Marinha, Aeronáutica, Exército, Polícia Federal. Então foi um cerco muito intenso e sem falar naquele pessoal que eles cooptaram os guias, o pessoal da região que passou a trabalhar para o Exército. Então, como é que ele passou, atravessou ali, eu achava sempre uma façanha e eu acho que essas façanhas tem que ser contadas. A gente fala da história de Canudos, da Cabanagem e o Araguaia para mim é uma façanha, é um ato assim de muita vontade de resistir, de vontade de lutar.

E o Drummond, eu gostaria até, que a gente hoje para falar do Drummond e essa história dele, eu acredito que ele tenha sido ainda jovem já integrado nesse movimento de resistência, mas ele, de qualquer forma ele morreu sob tortura, no meu entendimento inclusive do, eu hoje, eu gostaria que estivesse aqui o Dr. Egmar que foi advogado da família, que a família conseguiu que a União fosse responsável pela morte do Drummond, mas o atestado de óbito não esclarece em que circunstâncias se deram essa morte, e o Dr. Egmar entrou com essa retificação do atestado de óbito e o próprio Juiz reconheceu que o Drummond foi morto no DOI-CODI do II Exército e que, sob torturas e ainda esse, e eu até gostaria que o Renan esclarecesse esse atestado de óbito e esse parecer do Ministério, porque o Ministério Público entrou com recurso contra essa decisão, o Ministério Público reconhece que ele morreu naquele lugar que é o DOI-CODI, quer dizer, ele considera procedente parte da sentença, mas a parte que diz sob torturas, ele não, ele não deve ser colocado dessa forma no atestado de óbito, resiste em incorporar e para mim o Drummond, ele morreu sob torturas no DOI-CODI, para mim assim, para todos nós, sempre nós denunciemos e sempre, ainda que ele possa ter fugido, ou não, tentado fugir, ele não fugiu, ele morreu e isso, essa retificação do atestado de óbito é uma questão de justiça para com a história do Drummond, e a participação dele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O Renan vai falar sobre isso e depois eu abro a palavra para a senhora. Só deixa o Renan. Renan quer falar?

**O SR. RENAN** – Boa tarde, eu sou o Renan da Assessoria da Comissão, só para fazer o registro, a Amelinha já explicou mais ou menos, mas a Maria Ester Cristelli Drummond moveu uma ação de retificação do Registro Civil postulando duas coisas basicamente, que conste no atestado de óbito que o João Baptista Franco Drummond faleceu nas dependências do DOI-CODI do II Exército em São Paulo e que a causa da morte seja retificada para morte, abre aspas; “Decorrente de torturas físicas”; fecha aspas.

O parecer do Ministério Público foi em sentido da procedência em parte do pedido por reconhecer que a localidade ficou comprovada, que foi efetivamente nas

dependências do DOI-CODI do II Exército, mas não se manifestou favoravelmente a retificação da causa mortis como uma morte decorrente de torturas físicas por ausência de previsão legal, foi uma visão bastante formal do Ministério Público do Promotor que atuou nesse caso. O Juiz da Segunda Vara de Registros Públicos, que é o Guilherme Madeira Dezem, ele prolatou essa sentença em 16 de Abril de 2012 e a parte dispositiva, é essa que está aqui na tela, dizendo o seguinte, Julgo procedente o pedido para determinar a retificação da certidão de óbito de folhas 21, para que onde se lê falecido no dia 16 de Dezembro de 1976 na Avenida Nove de Julho com Rua Paim, conste falecido no dia 16 de Dezembro de 1976 nas dependências do DOI-CODI do II Exército de São Paulo e onde se lê causa da morte como traumatismo craniano encefálico, leia-se decorrente de torturas físicas.

Então, atualmente houve recurso do Ministério Público quanto ao ponto da retificação da causa mortis, no atestado, e isso está pendente ainda de julgamento no Tribunal, já foi distribuído no fim do ano passado, mas ainda não foi apreciado. Então, esse é o atual estado dessa questão de um processo importante.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – A senhora quer fazer o uso da palavra? A senhora se identifique, por favor? Fale o seu nome.

**A SRA. MARÍLIA ANDRADE** – Eu sou a Marília Andrade, mas agora eu só uso o apelido de Lian, Marília Andrade. Eu estou muito emocionada porque só de ver o Marcos, que eu conheci com 18 anos em Belém, é como se eu tivesse vendo o avô, porque eu convivi com ele muito intensamente dos 20 aos 26 e no dia 17 de manhã, eu estava em Belo Horizonte esperando por ele para ir para Belém porque ele ia morar na nossa casa. Nós arrumamos tudo para ele e achava que ali ele iria escapar da perseguição e da repressão e ia ficar um pouco mais isolado.

E ele foi para mim um pai, um pai mesmo. Eu tenho um pai muito bom, vivo, mas o Pedro foi meu pai, sinto até hoje isso. Eu aprendi muito com ele, não só pai orientador, chefe político e dos 20 aos 26, eu quase só encontrava com ele na política, eu era, a gente tinha uma tarefa em Londrina, de formar o Partido lá e o único contato

que a gente tinha com mundo, era quando ele ia lá a cada um, dois, três meses, passava um dia, o tio, porque a minha filha Helena chamava ele de tio porque ele parecia muito com um tio do meu marido na época e depois eu levei no mínimo quatro anos para trabalhar o luto da perda dele, foi muito traumática para mim, foi terrível e até hoje eu devo a obrigação de escrever o que eu lembro.

E, não sei, eu vou deixar de falar muita coisa, já está tarde e eu prometo que eu vou escrever algo, mas sobre a morte dele, eu conheci a viúva pessoalmente só em 79, quando o Wladimir saiu da cadeia e que me levou para visita-la. Mas a gente trocava muito prato, que depois de Londrina, eu vim para Belém ser motorista dele até a véspera e sempre eu mandava umas comidinhas para ela, ela mandava para mim, sem nunca ter encontrado. E aí, quando eu a encontrei, ela falou várias coisas sobre o Jover. Falou da desconfiança que o Pedro já tinha de que ele era uma pessoa que não tinha a mínima condição de estar no Comitê Central, que ele vivia de escrever historinha pornô, que não era mais, que não tinha mais a cabeça política e que não podia ter sido recuperado porque ele faltou a pontos e isso era radical no Partido, faltou um ponto, geladeira.

Então, ele foi um instrumento de alguém para facilitar a eliminação de alguma forma, pode até pessoa que retomou o contato dele não ter pensado em matar o Pedro, mas a consequência foi essa, mas uma questão que como diz o Neto tem que ser, tem que prosseguir a investigação. O Ednardo falou que deu dinheiro para ele, para entregar, falou para o Geneton, Leônidas, é para o Leônidas, dinheiro, tortura e etc., então essa é uma das coisas que precisa muito dizer a verdade. Em uma época, até mandei uma carta cifrada que até saiu no Jornal Movimento falando um pouquinho disso aí, figurativamente que eu queria deixar registrado algo.

A minha filha que nasceu em 83, eu pus o nome de Petra, eu falei se for homem, vai ser Pedro, mas foi mulher e ela é muito feliz com essa homenagem. No ano passado ela fez um filme e lançou em Brasília exatamente no 23 de Setembro quando o Pedro estaria fazendo 99 anos, agora vai fazer 100 e ela fez uma linda homenagem para ele comovente que a Eleonora Menicucci registrou no site do Ministério, no dia seguinte, então, por enquanto esse registro, muito obrigada.

(Aplausos)

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** – Eu queria só aproveitar a brecha, bacana esse depoimento da Marília *né*, o PCdoB tinha uma base entre os estudantes de Londrina, não é isso?

(Inaudível)

Tá, mas tinha uma, tinha uma influência dos estudantes, não tinha, da Universidade de Londrina? Sim, então.

(Inaudível)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Marília, aproveita e senta aqui conosco vai, para terminarmos juntos.

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** – Então, é muito interessante isso porque até hoje a gente viaja.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Então, o Pedro Pomar voltou a falar, falou a Marília Andrade e volta o Pedro Pomar. Senta aí, Marília.

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** – A gente viaja e encontra pessoas *né*, não, eu conheci o seu avô assim, assim, assim, porque era aquele trabalho que nos partidos comunistas se fala do assistente, que é o cara que viaja e vai para as localidades transmitir as linhas, se reunir com as pessoas e tudo mais e então ele fazia muito essa ponte aí com a militância. Eu só queria precisar algumas coisas aqui em

função de uma conversa com a Amelinha porque isso é uma coisa importante desse processo de cooptação. O que levou a repressão, a ditadura a dismantelar as organizações de esquerda foi uma grande medida da infiltração.

O recrutamento do que eles chamavam de cachorros, os delatores, então nesse caso do Jover Teles, qual é a grande questão? A grande questão que o Jover escondeu do Partido é que ele foi preso. Ele foi preso em um determinado momento e eu cheguei a localizar com o Jornalista chamado Aylton Baffa, o Aylton Baffa era o chefe da sucursal do Estadão no Rio de Janeiro e ele conseguiu já na década de 80 uma montanha de documentos do SNI, ele conseguiu uma montanha de documentos. Embora ele fosse um jornalista conservador, ele tinha muita bronca porque prenderam o irmão dele, que ele chama de Baffinha e o irmão dele foi preso, foi mal tratado e etc., e ele escreveu um livro que tem algo como Arapongas no título, mas que é um livro de curiosidades, vamos dizer assim, de bobagens praticadas por agentes secretos, agentes da repressão, não é um livro de denúncia propriamente dito a política da repressão.

O fato, é que ele tinha conseguido um grande número de documentos e eu consegui com ele um documento que infelizmente se extraviou em que o I Exército conta como é que eles chegaram ao Jover, que foi através de uma militante que, é importante que se diga que provavelmente não tem nenhuma responsabilidade, quer dizer, não é que tenha havido má fé dela, ela foi presa, eles dizem apenas que eles chegaram através dela no Jover. Essa militante chama-se Ilda Boaventura, era uma das poucas mulheres que ocupava um cargo de direção no Partido Comunista, ela era dirigente estadual, ela fazia parte do Comitê Regional do Rio de Janeiro, era conhecida como Titia.

Através dela e ela era muito amiga do Jover e eles chegaram no Jover. Então o Jover foi preso, ninguém tem, quer dizer, você não pode recriminar uma pessoa a não ser até determinado ponto pelo fato dela ter sido presa. O fato é que ele escondeu isso, ou seja, ele foi preso, fez o acordo, foi solto e em momento algum relatou aos companheiros de Partido que tinha sido preso. O tempo todo ele escondeu isso aí, ele escondeu isso o tempo todo.

Então, esse ponto é muito importante porque é justamente quando ele é preso que a repressão faz o acordo com ele e o Leônidas conta que aprendeu isso com

Generais Colombianos, que era experiência Colombiana. O General Leônidas Gonçalves que depois seria Ministro do Exército. É bom que se diga que o Leônidas Pires Gonçalves entra nessa história por quê? Porque o I Exército era comandado pelo General Reinaldo Melo de Almeida, General de Exército. O Leônidas era General de Brigada amigo de Reinaldo Melo e virou o seu chefe de Estado Maior, portanto chefe do DOI-CODI, chefe do CODI do I Exército.

E no período em que ele foi chefe do CODI do I Exército, o Armando Frutuoso foi preso, torturado e assassinado. Leônidas Pires Gonçalves que é apresentado por algumas pessoas ingênuas como um cara legal, o cara que profissionalizou o Exército Brasileiro, está implicado por ação ou por omissão na morte do Armando Frutuoso Teixeira. O Armando Frutuoso, lembre-se, está desaparecido até hoje e eu fiz essa pergunta para o Leônidas por telefone e ele ficou furioso, ficou furioso e respondeu de maneira indireta. O fato é que ele era o comandante, o responsável quando o Armando Teixeira foi morto e mesmo nesses documentos de 76 e posteriormente na Justiça Militar, o Armando Frutuoso é dado como réu quando ele tinha sido assassinado anos antes, quer dizer, é algo particularmente cruel. É só isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ótimo. Marília, Amelinha, Gustavo quer falar um pouco sobre a Audiência da retificação? Eu acho que é um dado importante, uma notícia importante, doutor Gustavo Reis da Defensoria Pública do Estado de São Paulo.

**O SR. GUSTAVO REIS** – Obrigado Deputado Adriano, meu nome é Gustavo Reis, eu sou Defensor Público do Estrado de São Paulo. É só mesmo para noticiar e fico grato de estar presente aqui na Mesa, na verdade a Defensoria Pública do Estado de São Paulo está presente aqui na Mesa na medida em que existe uma sensibilidade muito grande por parte da defensoria Pública Geral do Estado, a Doutora Daniela Sollberger, envolver a Defensoria Pública na questão da retificação do registro de óbito, acompanhando, por exemplo, o caso do Drummond e nos próximos dias, acho apenas que é para noticiar, representantes da Comissão Estadual da Verdade como Presidente o Deputado Adriano Diogo, talvez a Amelinha e membros da Defensoria Pública tem uma

reunião marcada com o Juiz da Vara de Registros Públicos para a gente entender melhor e talvez criar um fluxo de trabalho para a Defensoria Pública poder dar a sua contribuição nesses mais de 150 casos de retificação de registro de óbito. Então, quero só apenas deixar essa notícia e já que a Defensoria Pública como prevê a nossa lei em expressão e instrumento do regime democrático, a gente não podia ficar de fora desse trabalho brilhante como a Comissão Estadual da Verdade está fazendo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pessoal, então antes de terminar, eu queria dizer o seguinte, obrigado Doutor Gustavo, o doutor Luiz Eduardo Greenhalgh, ele foi avisado dessa Audiência e foi convidado para essa Audiência ontem a tarde e ele gostaria muito de vir e se houver um desdobramento, viu Pomar, ele falou que ele quer contribuir, quer participar e tem documentação e quer contribuir conosco. Então isso é uma coisa importante que o Luiz Eduardo pediu para a gente falar.

Então, antes de encerrar, só para dizer o seguinte, hoje à noite, na Faculdade de Direito no Largo do São Francisco, vai haver um julgamento simulado da lei da anistia, não é uma coisa documental, mas é uma coisa ficcional que é o julgamento de Orestes, então o caso Orestes, o julgamento de Orestes que é uma versão da morte da Soledad Barret assassinada que foi pelo Cabo Anselmo. Hoje à noite às 19 horas.

Amanhã pela manhã no Ministério Público Federal às 10 horas da manhã a abertura ao público e uma cerimônia No Brasil Nunca Mais digital e amanhã às 13 horas aqui nessa Assembleia Legislativa, na Comissão embora não seja uma parte da repressão política, da resistência política, o livro relatório da Jornalista Daniela Arbex, sobre o manicômio de Barbacena, onde tem um período da ditadura que as coisas foram terríveis lá e também vai ter a apresentação de um dado que também ocorreu no período da ditadura do Instituto Neuropsiquiátrico Infantil Pedro Veloso.

Bom, então como tem muito Mineiro aqui nessa sala hoje, aqui tem um verdadeiro consulado Mineiro, para não falar que é uma embaixada, amanhã então, o bicho vai pegar aqui com o documentário e todo o livro sobre o manicômio de Barbacena.

Pomar, muito obrigado.

**O SR. PEDRO ESTEVAM DA ROCHA POMAR** – Eu é quem agradeço.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pela punição aos torturadores, pelos esclarecimentos feitos de todos esses assassinatos e pela sua família e toda a Comissão. Muito Obrigado.

(Aplausos)

\* \* \*















































